

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

CURRÍCULOS, METODOLOGIAS E TECNOLOGIA: UMA RELAÇÃO NECESSÁRIA

DOI: 10.5281/zenodo.17677563

Luciana Oliveira da Silva Lopes

Letras. Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa. Educação inclusiva. Mestrando em Tecnologias Emergentes em Educação pela Must University. luipojuca@hotmail.com

RESUMO: Diante das transformações sociais e tecnológicas que marcam a contemporaneidade, a escola é desafiada a repensar suas práticas pedagógicas e a reconfigurar sua forma de ensinar e aprender. Nesse contexto, torna-se essencial compreender como os currículos, as metodologias de ensino e as tecnologias digitais podem se articular de maneira integrada, significativa e transformadora. O presente trabalho teve como objetivo geral analisar como a integração entre currículo, metodologias e tecnologias pode favorecer uma prática pedagógica mais conectada com a realidade dos estudantes, promovendo aprendizagens mais ativas, contextualizadas e inclusivas. A escolha do tema se justifica pela necessidade urgente de repensar os modelos tradicionais de ensino, dando lugar a uma educação que reconheça a diversidade dos sujeitos e as possibilidades abertas pelo uso consciente das tecnologias. Para tanto, adotou-se uma metodologia baseada em revisão bibliográfica, com foco em autores brasileiros que abordam o currículo como construção viva, as metodologias ativas como instrumento de protagonismo estudantil e a tecnologia como mediadora do conhecimento. A análise permitiu perceber que a integração entre esses três elementos não é apenas viável, mas essencial para que a educação cumpra seu papel formativo de maneira crítica, inclusiva e comprometida com a transformação social. Conclui-se que práticas pedagógicas inovadoras, apoiadas em um currículo flexível e no uso intencional das tecnologias, contribuem para uma escola mais viva, sensível e alinhada aos desafios do século XXI.

Palavras-chave: Currículo. Metodologias Ativas. Tecnologias Educacionais.

ABSTRACT: In the face of the social and technological transformations that characterize contemporary times, schools are challenged to rethink their pedagogical practices and reconfigure their ways of teaching and learning. In this context, it becomes essential to understand how curricula, teaching methodologies, and digital technologies can be integrated in a meaningful and transformative way. This study aimed to analyze how the integration of curriculum, methodologies, and technologies can foster a pedagogical practice more connected to students' realities, promoting more active, contextualized, and inclusive learning. The choice of this theme is justified by the urgent need to rethink traditional teaching models, making way for an education that recognizes the diversity of subjects and the possibilities opened by the conscious use of technologies. To this end, a methodology based on bibliographic review was adopted, focusing on Brazilian authors who approach the curriculum as a living construction, active methodologies as a tool for student protagonism, and technology as a mediator of knowledge. The analysis revealed that the integration of these three elements is not only viable but essential for education to fulfill its formative role in a critical, inclusive, and socially transformative manner. It is concluded that innovative pedagogical practices, supported by a flexible curriculum and the intentional use of technologies, contribute to a more vibrant, sensitive school aligned with the challenges of the 21st century.

Keywords: Curriculum. Active Methodologies. Educational Technologies.

1 Introdução

Vivemos em uma sociedade em constante transformação, impulsionada por avanços tecnológicos, novas formas de comunicação e desafios educacionais cada vez mais complexos. Nesse cenário, a escola é chamada a repensar sua função formativa, abrindo espaço para práticas mais dialógicas, inclusivas e conectadas com o mundo contemporâneo. O currículo, enquanto expressão de um projeto educativo, precisa dialogar com metodologias que coloquem o aluno

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

como protagonista da aprendizagem e com tecnologias que ampliem o acesso ao saber e à participação ativa. Assim, compreender a relação entre currículos, metodologias e tecnologia não é apenas relevante, mas absolutamente necessária para a construção de uma educação mais significativa, equitativa e sensível à diversidade.

O objetivo geral desta pesquisa é analisar como a integração entre currículos, metodologias de ensino e tecnologias digitais pode favorecer práticas pedagógicas mais significativas, inovadoras e alinhadas às necessidades da educação contemporânea. Entre os objetivos específicos, busca-se: investigar como os currículos escolares têm incorporado as tecnologias e metodologias ativas; compreender o papel dos professores nesse processo de integração; e refletir sobre os desafios e possibilidades da prática docente nesse novo cenário. A escolha por essa temática se justifica pela urgência de promover uma educação que acolha a realidade dos estudantes, respeite seus ritmos e contextos, e se aproxime das vivências do mundo real.

O problema de pesquisa que orienta esta investigação é: como integrar, de forma significativa e equilibrada, os currículos escolares, as metodologias de ensino e o uso das tecnologias digitais, de modo a promover aprendizagens mais contextualizadas, participativas e conectadas com a realidade dos estudantes? Para buscar respostas a essa questão, adotou-se uma metodologia de caráter qualitativo, com abordagem baseada em revisão bibliográfica. Foram utilizados autores brasileiros e referências contemporâneas que discutem currículo, práticas pedagógicas inovadoras e mediação tecnológica, compondo um referencial teórico robusto e alinhado com os desafios atuais da educação.

A estrutura da pesquisa foi organizada em três momentos principais. O primeiro capítulo apresenta a introdução, trazendo a contextualização do tema, os objetivos da pesquisa, a justificativa, a metodologia adotada e o problema investigado. Em seguida, no desenvolvimento, são explorados os conceitos centrais da pesquisa: a construção do currículo na contemporaneidade, as metodologias ativas e o papel das tecnologias como mediadoras do conhecimento, sempre à luz de autores que dialogam com a realidade educacional brasileira. Por fim, o trabalho é encerrado com as considerações finais, nas quais são retomadas as reflexões centrais, apontando caminhos possíveis para uma educação mais integrada, crítica e transformadora.

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

2. A construção do currículo na contemporaneidade: entre prescrições e práticas vivas

Pensar o currículo na atualidade é reconhecer que ele vai muito além de uma simples lista de conteúdos ou disciplinas. O currículo é expressão de um projeto de sociedade, de sujeitos e de mundo que se pretende construir. Como afirma Sacristán (2000), o currículo é um

campo de disputas, onde diferentes concepções de educação e de conhecimento se confrontam. No Brasil, essa perspectiva ganha contornos ainda mais intensos diante das desigualdades sociais e regionais que marcam o cotidiano escolar.

Arroyo (2013) defende que o currículo precisa ser compreendido como algo vivo, em constante negociação com a realidade dos sujeitos que habitam a escola. Não basta apenas seguir o que está prescrito nos documentos oficiais; é preciso ouvir as vozes dos estudantes, dos professores e das comunidades, reconhecendo seus saberes e experiências. Essa escuta transforma o currículo em um espaço de diálogo e construção coletiva.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), implementada nos últimos anos, trouxe importantes avanços ao estabelecer direitos de aprendizagem comuns a todos os estudantes brasileiros. No entanto, sua adoção também trouxe desafios. Pacheco (2018) lembra que um currículo comum só se torna significativo quando dialoga com as realidades locais, respeitando as culturas, as histórias e os contextos de cada escola. Isso exige do professor uma postura crítica e criativa diante das prescrições.

Segundo Moreira e Silva (1994), a distinção entre currículo prescrito e currículo vivido é essencial para compreender as tensões presentes na prática pedagógica. O currículo prescrito representa aquilo que é oficialmente planejado, enquanto o currículo vivido é aquilo que realmente acontece no cotidiano da sala de aula, marcado por relações, afetos, imprevistos e experiências únicas. Essa vivência é o que dá vida ao currículo, tornando-o uma construção concreta e sensível.

Apple (2006), em seus estudos sobre currículo e poder, alerta para os riscos de uma padronização excessiva, que pode silenciar vozes e impor uma visão única de conhecimento. No contexto brasileiro, essa crítica se soma à de Arroyo (2013), que denuncia os currículos que excluem saberes populares, indígenas, quilombolas e periféricos, reforçando desigualdades históricas. Por isso, construir um currículo emancipador é também um ato político.

A construção curricular, portanto, precisa considerar a pluralidade dos sujeitos e os contextos nos quais estão inseridos. Para Sacristán (2000), esse processo exige um olhar atento às dimensões culturais, sociais e subjetivas da educação. É preciso valorizar os saberes construídos

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

nas vivências, nos territórios, nas lutas e nas resistências. O currículo, nesse sentido, deve ser instrumento de afirmação de identidades e promoção da justiça social.

No campo da formação docente, essa discussão também é essencial. Professores e professoras são os mediadores entre o currículo prescrito e o vivido, e suas escolhas metodológicas influenciam diretamente na forma como o conhecimento é apropriado pelos estudantes. Como afirma Macedo (2017), o currículo se faz no gesto do professor que interpreta, ressignifica e reinventa as propostas educativas no chão da escola.

É nesse chão da escola que o currículo se humaniza. A rigidez das propostas curriculares só ganha sentido quando encontra a flexibilidade da prática pedagógica. Como nos lembra Perrenoud (2000), ensinar é também fazer escolhas, priorizar caminhos, adaptar-se às necessidades de cada turma. Assim, o currículo não é um ponto de partida fixo, mas um processo em movimento, aberto às mudanças e às novas leituras do mundo.

A pandemia da COVID-19 evidenciou ainda mais a necessidade de um currículo sensível à realidade dos estudantes. Arroyo (2021) reforça que, diante das desigualdades aprofundadas, é urgente repensar o currículo a partir do cuidado, da escuta e do acolhimento. Os conteúdos importam, mas é a forma como são trabalhados, com empatia e significado, que realmente transforma vidas.

Por fim, é preciso compreender que o currículo não pertence apenas aos documentos oficiais, mas principalmente às relações que se constroem no cotidiano escolar. Ele é tecido nas práticas, nas trocas, nas histórias contadas e recontadas em sala de aula. Quando abrimos espaço para a vida entrar no currículo, estamos, de fato, formando sujeitos críticos, sensíveis e capazes de transformar o mundo em que vivem.

2.1 Metodologias ativas e práticas pedagógicas inovadoras no cotidiano escolar

Falar de metodologias ativas é falar de um novo olhar sobre o processo de ensinar e aprender. É compreender que o estudante precisa deixar de ser apenas receptor de informações e se tornar protagonista da construção do seu próprio conhecimento. Segundo Moran (2015), as metodologias ativas são estratégias que envolvem o aluno de forma mais intensa, exigindo sua participação, reflexão, decisão e autoria no percurso da aprendizagem.

No contexto escolar, práticas pedagógicas inovadoras emergem como resposta à necessidade de tornar a educação mais significativa, sensível ao tempo presente e conectada aos saberes do cotidiano. Bacich e Moran (2018) explicam que, ao aplicar metodologias ativas, o

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

professor deixa de ser o centro da aula e passa a atuar como mediador, orientando processos e desafiando os alunos a resolver problemas reais, refletir criticamente e trabalhar colaborativamente.

Uma dessas abordagens é a Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP), que propõe a investigação de temas relevantes por meio de perguntas norteadoras, pesquisa e produção de soluções. Essa metodologia permite ao aluno relacionar conteúdos escolares com sua vida, sua comunidade e o mundo. Como reforça Hernández (1998), projetar é construir conhecimento em movimento, em diálogo com o mundo. No Brasil, essa prática tem sido cada vez mais valorizada em redes públicas e privadas que buscam romper com modelos rígidos e pouco motivadores.

Outro exemplo é a sala de aula invertida, uma proposta que convida o aluno a estudar o conteúdo em casa, por meio de vídeos ou leituras, e usar o tempo da aula para atividades práticas, discussões e resolução de dúvidas. Para Valente (2017), essa metodologia favorece a autonomia dos estudantes e permite um uso mais criativo e colaborativo do tempo em sala. Assim, o foco deixa de ser a transmissão e passa a ser a construção ativa do saber.

O ensino híbrido, por sua vez, combina momentos presenciais com atividades online, criando ambientes flexíveis de aprendizagem. Essa proposta ganhou ainda mais força durante e após a pandemia da COVID-19, evidenciando a importância de múltiplas formas de ensinar. Bacich, Tanzi e Trevisani (2015) destacam que o ensino híbrido não substitui a escola, mas a reinventa, ao ampliar as possibilidades pedagógicas com o suporte das tecnologias digitais.

Essas metodologias desafiam o modelo tradicional de ensino, ainda muito centrado na memorização e na repetição. Segundo Freire (1996), ensinar exige escuta, respeito ao tempo do outro e abertura para o diálogo. As práticas inovadoras, quando guiadas por esses princípios, tornam-se espaços de afeto e potência, nos quais o aluno é reconhecido como sujeito do seu processo de aprender.

No entanto, a implementação dessas metodologias exige também uma nova postura do educador. Como afirma Zabala (1998), inovar na sala de aula implica rever concepções sobre o papel do professor, os objetivos da educação e as formas de avaliação. O professor deixa de apenas ensinar conteúdos e passa a criar situações em que o conhecimento nasce da experiência, da dúvida e da colaboração.

Além disso, as metodologias ativas favorecem o desenvolvimento de competências previstas na BNCC, como pensamento crítico, comunicação, argumentação e trabalho em equipe. Isso mostra que inovar não é apenas tendência, mas compromisso com uma formação integral e cidadã. Segundo Bacich e Moran (2018), metodologias ativas não são receitas, mas caminhos que se constroem com escuta, sensibilidade e experimentação.

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

É importante destacar que práticas inovadoras não exigem, necessariamente, tecnologias avançadas. Muitas vezes, a verdadeira inovação está na atitude pedagógica, no cuidado com o outro, na escuta e na capacidade de conectar o conteúdo escolar com a realidade vivida pelos alunos. Freire (2001) nos lembra que ensinar exige corporeificação das palavras pelo exemplo, ou seja, a prática educativa precisa estar enraizada na vida.

Outro aspecto essencial é o papel da afetividade no uso de metodologias ativas. Quando o professor se dispõe a criar um ambiente de acolhimento e confiança, os alunos se sentem mais motivados a participar, a errar, a experimentar e a aprender. Essa dimensão afetiva é muitas vezes o que sustenta a inovação na prática. Como reforça Leite (2019), a pedagogia da escuta é a base para qualquer metodologia significativa.

No cotidiano das escolas, adotar metodologias ativas pode parecer desafiador, mas também é profundamente transformador. Ao valorizar a escuta, a autoria e a colaboração, essas práticas colocam o aluno no centro do processo educativo e convidam o professor a reinventar seu fazer. Não se trata de seguir modismos, mas de assumir uma postura ética e sensível diante do direito de todos a uma educação viva, potente e significativa.

2.2 A tecnologia como aliada na mediação do conhecimento: desafios e possibilidades

Falar em tecnologia na educação vai muito além de pensar em equipamentos, softwares ou internet. Trata-se, sobretudo, de compreender como essas ferramentas podem ser integradas de maneira significativa ao processo de ensino e aprendizagem, tornando-se verdadeiras mediadoras do conhecimento. Como destaca Kenski (2012), a tecnologia não é neutra: ela carrega intencionalidades, linguagens e possibilidades que, quando bem utilizadas, ampliam o acesso ao saber e favorecem práticas pedagógicas mais dinâmicas e inclusivas.

Na contemporaneidade, as tecnologias digitais estão profundamente inseridas na vida dos estudantes, influenciando seus modos de se comunicar, aprender e se relacionar com o mundo. Isso exige da escola uma postura de abertura, escuta e atualização constante. Para Valente (2017), o desafio não é apenas introduzir novos recursos tecnológicos, mas repensar o papel do professor, do currículo e das metodologias a partir de novas possibilidades de mediação e interação com o conhecimento.

A mediação tecnológica, quando pautada por intencionalidade pedagógica, pode transformar a sala de aula em um espaço de construção colaborativa do saber. Moran (2015) ressalta que a tecnologia, aliada a metodologias ativas, favorece a autonomia do estudante, estimula sua curiosidade e amplia as fronteiras da aprendizagem para além dos muros da escola.

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

No entanto, para que isso ocorra, é preciso planejamento, formação docente continuada e acesso equitativo aos recursos.

Um dos grandes desafios enfrentados nas escolas brasileiras é justamente a desigualdade no acesso às tecnologias. A exclusão digital ainda é uma realidade em muitas comunidades, especialmente em regiões periféricas e rurais. Como alerta Kenski (2012), não basta incluir tecnologias nas políticas educacionais se elas não chegam com qualidade e equidade a todos os estudantes. Promover inclusão digital é também promover justiça social e igualdade de oportunidades.

Além disso, a formação dos professores para o uso pedagógico das tecnologias é um fator central nesse processo. Valente (2017) argumenta que não basta oferecer cursos técnicos sobre ferramentas digitais; é preciso promover uma formação que dialogue com o cotidiano escolar, que valorize a experimentação, o erro e a reconstrução de práticas. O professor precisa se sentir autor, pesquisador e criador de suas propostas pedagógicas com apoio das tecnologias. Lévy (1999) destaca que vivemos na chamada cibercultura, um ambiente no qual o conhecimento se constrói em rede, de forma colaborativa e contínua. Inserir a escola nesse contexto significa abrir espaço para o protagonismo dos estudantes, reconhecer seus saberes prévios e estimular práticas pedagógicas que valorizem a autoria, a criticidade e o pensamento complexo. A tecnologia, nesse sentido, é ponte — e nunca fim em si mesma.

A pandemia da COVID-19 escancarou os limites e as potências do uso das tecnologias na educação. Em meio às dificuldades, muitos educadores encontraram nas ferramentas digitais possibilidades de manter vínculos, promover aprendizagens e acolher os estudantes à distância. Esse período evidenciou que a tecnologia, quando aliada à empatia e à criatividade, pode ser uma poderosa aliada na superação de obstáculos educacionais (Moran, 2020).

Por outro lado, o uso descontextualizado da tecnologia pode tornar-se vazio e desmotivador. Kenski (2012) reforça que a tecnologia precisa estar a serviço de um projeto pedagógico que valorize o sentido da aprendizagem. O simples uso de slides, plataformas ou jogos digitais não garante aprendizagem se não estiverem articulados com objetivos claros, conteúdos significativos e estratégias didáticas adequadas à realidade da turma.

A cultura digital desafia a escola a transformar seus modos de ensinar e aprender, mas também oferece inúmeras possibilidades. Valente (2017) aponta que, quando bem integradas ao currículo, as tecnologias favorecem o desenvolvimento de competências essenciais ao século XXI, como resolução de problemas, comunicação, criatividade e pensamento crítico. Para isso, é necessário que as políticas educacionais garantam não só os equipamentos, mas também a

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

infraestrutura, o suporte técnico e a valorização dos professores.

Por fim, é fundamental entender que tecnologia e educação não competem, mas se complementam. A presença da tecnologia no ambiente escolar, quando pensada de forma crítica, sensível e planejada, pode transformar a relação dos estudantes com o conhecimento, tornando-o mais próximo, mais acessível e mais relevante para suas vidas. Como conclui Lévy (1999), a tecnologia pode libertar ou aprisionar, dependendo do uso que fazemos dela. Cabe à escola escolher caminhos de libertação, de escuta e de construção coletiva de sentidos.

3 Considerações Finais

Refletir sobre a integração entre currículos, metodologias e tecnologias é, acima de tudo, reconhecer a complexidade e a beleza da prática educativa no século XXI. Ao longo deste trabalho, foi possível compreender que o currículo não pode ser visto como um documento engessado, mas como um campo vivo e dinâmico, que se constrói a partir dos sujeitos que habitam a escola. As metodologias ativas, por sua vez, surgem como convite à reinvenção do ensino, valorizando o protagonismo estudantil e a escuta sensível por parte dos educadores. Já as tecnologias digitais, quando utilizadas com intencionalidade pedagógica, tornam-se aliadas na ampliação do acesso ao conhecimento e na construção de aprendizagens mais significativas, inclusivas e conectadas à realidade dos estudantes.

Diante dos desafios e das possibilidades apresentados, torna-se evidente que a articulação entre esses três pilares é essencial para que a escola cumpra seu papel formador com justiça, equidade e afeto. Mais do que seguir tendências, é necessário que professores, gestores e toda a comunidade escolar se comprometam com uma educação que reconheça as singularidades de cada aluno, que promova o diálogo entre saberes e que se abra às transformações do mundo contemporâneo. Assim, pensar o currículo, as metodologias e as tecnologias como partes de um mesmo movimento é acreditar na potência da educação como espaço de construção de sentido, de pertencimento e de transformação social.

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

Referências

- APPLE, M. W. Educação e poder. Artmed, 2006.
- ARROYO, M. G. Currículo, território em disputa. Vozes, 2013.
- ARROYO, M. G. Por uma educação do campo: traços de uma identidade. Vozes, 2021.
- BACICH, L.; MORAN, J. M. Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. Penso, 2018.
- BACICH, L.; TANZI, S. D.; TREVISANI, F. M. Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação. Penso, 2015.
- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. Educação como prática da liberdade. Paz e Terra, 2001.
- HERNÁNDEZ, F. Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho. Artmed, 1998.
- KENSKI, V. M. Tecnologia e ensino presencial e a distância. Papirus, 2012.
- LEITE, L. S. Escuta e sensibilidade na prática pedagógica: por uma educação afetiva e significativa. Vozes, 2019.
- LÉVY, P. Ciberultura. Editora 34, 1999.
- MACEDO, E. Currículo e avaliação: entre a regulação e a emancipação. Papirus, 2017.
- MORAN, J. M. A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá. Papirus, 2015.
- MORAN, J. M. A educação na pandemia e depois dela. 2020. Disponível em: <https://www2.eca.usp.br/moran/>
- MOREIRA, A. F.; SILVA, T. T. Currículo, cultura e sociedade. Cortez, 1994.
- PACHECO, J. A. Currículo: teoria e história. Edufscar, 2018.
- PERRENOUD, P. Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza. Artmed, 2000.
- SACRISTÁN, J. G. O currículo: uma reflexão sobre a prática. Artmed, 2000.
- VALENTE, J. A. Tecnologia e currículo: trajetória da pesquisa e perspectivas. Cortez, 2017.
- ZABALA, A. A prática educativa: como ensinar. Artmed, 1998.